



Covas: coligação só funcionará se chegar a estados e municípios

Regionalismos podem barrar união de Britto e Cardoso

Vera Ramos

A chapa de coligação partidária que poderia unir os nomes dos ministros Fernando Henrique Cardoso, pelo PSDB, e Antônio Britto, pelo PMDB, formalizando uma alternativa de centro-esquerda para concorrer a sucessão do presidente Itamar Franco nas próximas eleições, corre o risco de não vingar.

No entender do senador Mário Covas, candidato tucano ao governo de São Paulo, o PSDB só aceitará negociar um acordo com o PMDB se essa coligação não impuser limites regionais: os dois partidos terão que ter os mesmos candidatos tanto na disputa para presidente como para os governos estaduais.

Essa condição para ser formalizada uma aliança partidária entre peemedebistas e pessedistas, imposta pelo senador Covas e avaliada por outras importantes lideranças tucanas, no entanto, pode inviabilizar o acordo com os peemedebistas. No entender do deputado Germano Rigotto, líder ex-ofício do PMDB, ainda que os dois partidos tenham que superar diferenças regionais em estados como São Paulo e Ceará, um eventual fracasso nas articulações significa uma derrota para ambos. Em sua opinião, "caso o PMDB e PSDB não construam uma ponte de ligação entre a direita e esquerda, as duas legendas vão ser rifadas nas próximas eleições".

Sem apostar em outras alternativas, Rigotto descartou acertos políticos com o PT ou com o PFL.

Regionalismo - As dificuldades de se formalizar uma coligação com os tucanos deve reacender no PMDB uma questão abafada pela Executiva Nacional do partido na reunião realizada na semana passada: o movimento do êxodo em direção ao ninho dos tucanos. Contida pela intervenção direta do líder do governo, senador Pedro Simon, tido como um dos poucos sobreviventes do chamado PMDB histórico, a revoadada dos descontentes peemedebistas para o PSDB vinha sendo articulada entre o governador do Ceará, Ciro Gomes; (PSDB), e o deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE).

Confiante de que ainda é possível reestruturar o partido depois de consumados as cassações de mandatos eletivos que a CPI do Orçamento vai determinar para alguns de seus representantes, Pedro Simon pediu a Jarbas Vasconcelos, prefeito de Recife pelo PMDB, para que ajudasse a conter os correlegionários insatisfeitos. Sob a argumentação de que o comando do partido já retornou às mãos dos "peemedebistas éticos", Simon garantiu que com a próxima eleição de novos líderes para as bancadas na Câmara, e possivelmente também no Senado, o partido vai superar essa crise.